

JOSÉ LINS DO REGO E O DISCURSO REGIONALISTA

Cristhiano Motta Aguiar
Universidade Federal de Pernambuco

Resumo:

Empreender uma leitura crítica de quatro crônicas de José Lins do Rego, retiradas do livro *O Cravo de Mozart é Eterno*, enfatizando a ligação que elas mantêm com o discurso Regionalista.

Palavras-chave: Leitura crítica, José Lins do Rego, Discurso Regionalista.

Abstract:

This article undertakes a critical reading of four José Lins do Rego's chronicles, taken from the book "*O cravo de Mozart é eterno*", and emphasizes the connection between the chronicles and the regionalist discourse.

Key words: Critical reading, José Lins do Rego, Regionalist Discourse.

INTRODUÇÃO

Faremos uma leitura crítica de algumas crônicas de José Lins do Rego, enfatizando o diálogo que existe entre estas e o discurso Regionalista. Ledo Ivo destaca que a pequena constelação de livros de ensaios e crônicas de José Lins do Rego é um aparelho literário indispensável à total compreensão de sua personalidade criadora (Ivo, 1991, p. 139). O *corpus* do nosso trabalho consiste em quatro crônicas pinçadas do livro *O Cravo de Mozart é Eterno*: "Espécie de História Literária"; "Gilberto Freyre"; "Eu não vi o sertanejo de Euclides"; "Foi uma vitória da Marinha". O discurso regionalista ao qual aludimos se refere ao regionalismo nordestino surgido a partir de 1920 e que se destacou nacionalmente com os autores do romance de 30, geração da qual o paraibano José Lins do Rego fez parte. Lembremos que o Regionalismo brasileiro principia com o Romantismo, mas só a partir de 1930 as tendências regionalistas atingiram o nível de obras significativas (Candido, 2000, p.161). Foi uma etapa necessária, que fez a literatura, sobretudo o romance e o conto, focalizar a realidade local (Candido, 2000, p.159).

1. ESPÉCIE DE HISTÓRIA LITERÁRIA

Zé Lins é um homem polêmico. Publicada em 1942, a crônica "Espécie de História Literária" bate de frente com um "certo" movimento estético que há pouco tempo tinha surgido no Brasil: o modernismo, liderado pelo grupo paulista de Mário de Andrade e Oswald de Andrade. A crônica é uma resposta a afirmações do crítico Sérgio Milliet, que sustentava a primazia da Semana de Arte Moderna sobre o romance nordestino de 30 (Ivo, 1991, p.145). "*Para nós, do Recife, essa Semana de Arte Moderna do Recife não existiu*", afirma Lins na crônica. E completa:

"eu mesmo, num jornal político que dirigia com Osório Borba, me pus no lado oposto, não para ficar com Coelho Neto e Laudelino Freire, mas para verificar na agitação modernista uma velharia, um desfrute que o gênio de Oswald de Andrade inventara para divertir os seus ócios de milionário" (Rego, 2004, p.42)

* Trabalho vinculado ao Projeto de Pesquisa Imagens do Brasil na Literatura, coordenado pela professora Sônia Ramalho, UFPE.

Percebemos, portanto, uma tomada de posição contra o modernismo paulista, típica das primeiras manifestações do discurso regionalista. Mais adiante, José Lins afirma que é impossível que tudo que fosse literatura no Brasil surgisse a partir de 22, como reivindicava Milliet, se em 1923 já existia Gilberto Freyre (Rego, 2004, p.43). Guardemos o nome de Freyre: na próxima crônica, perceberemos que o sociólogo pernambucano exerceu profunda influência sobre as idéias de José Lins do Rego. O ataque afasta-se de Oswald e dirige-se agora a Mario de Andrade:

“O movimento literário que se irradia do Nordeste muito pouco teria que ver com o Modernismo do Sul. Nem mesmo em relação à língua. A língua de Mário de Andrade em Macunaíma nos pareceu tão arrevesada quanto a dos sonetos de Alberto de Oliveira” (Rego, 2004, p.43)

A comparação com um parnasiano – Alberto de Oliveira – não é gratuita. José Lins, ao atacar o modernismo, não concorda com os movimentos literários anteriores. Está procurando definir um espaço literário e político. Na verdade, assim como os modernistas, José Lins não se conforma com os modelos literários em voga no Brasil daquela época. Por que então se afasta do modernismo? É que o regionalismo se baseia numa reação de uma oligarquia açucareira que vê o seu poder diminuir devido às transformações históricas e econômicas no Brasil, como, por exemplo, a industrialização, a urbanização, a imigração em massa, o fim da escravidão e a diferenciação do Centro-Sul, notadamente São Paulo, em relação ao resto do país (Albuquerque, 2001, p.40). Na verdade, os diversos discursos regionais, paulista e nordestino, por exemplo, chocam-se na tentativa de fazer com que os costumes, as crenças, as relações sociais, as práticas sociais de cada região pudessem representar um modelo hegemônico de representação do país (Albuquerque, 2001, p.48). Sobre essa questão, Sônia Ramalho afirma que “a explicitação do conceito de região e regionalismo se dá tendo por base o resgate dos valores e das manifestações populares do Nordeste, entendidos como depositários de um poder criador autêntico e genuinamente brasileiro” (Farias, 2002, p.382). A crítica que José Lins faz à linguagem de Macunaíma está ligada a esta questão: o romance conteria uma linguagem fabricada, artificial, que não é a verdadeira linguagem do povo brasileiro, seria mais um “*arranjo de filólogo erudito*” (Rego, 2004, p.43).

Ainda na mesma crônica, José Lins do Rego afirma que Sérgio Milliet erra por ignorar a história da arte e da literatura, pois o que o crítico paulista repele na literatura nordestina, com o intuito de humilhá-la, é o que faz qualquer literatura ser grande: o vigor, a saúde que vem da terra, da alma do povo. “*Terra*”, “*povo*”, “*humilhação*”: palavras vagas usadas por José Lins e pelo Regionalismo para justificar a luta pela tradição contra a “*agitação modernista*”. Entretanto, foi esta agitação que, segundo Ledo Ivo, através dos postulados da liberdade de pesquisa, da criação artística e da valorização de um critério de expressão antiacadêmica, desbravou o caminho pelo qual passariam os regionalistas (Ivo, 1991, p. 146).

2. GILBERTO FREYRE

A próxima crônica que analisaremos fala sobre Gilberto Freyre. José Lins afirma nesta crônica que encontrá-lo mudou sua vida. “*Pode parecer um romance, mas é tudo da realidade*” (Rego, 2004, p.49). O encontro se deu em 1923, quando Gilberto Freyre acabava de chegar da Europa. Para o cronista, este encontro marca o início da sua vida literária. “*Posso afirmar sem medo que a ele devo os meus romances*” (Rego, 2004, p.59), diz. E o que pensa Gilberto Freyre? Carlos Guilherme Mota afirma que sua obra conjuga

uma perspectiva modernizante com um mandonismo de senhor de engenho (Mota, 1994, p.55). Um dos resultados desta obra seria a valorização de um processo de mestiçagem social, que no Brasil resultaria em uma democracia racial (Mota, 1994, p.55). Freyre defende também a idéia do “caráter brasileiro”, que se apóia nesta miscigenação originada na sociedade patriarcal (Mota, 1994, p.56). Seu Regionalismo, evocador de um passado nostálgico na Casa Grande, esconde e ameniza o problema real das relações de dominação no Brasil (Mota, 1994, p.59).

As idéias de Gilberto Freyre estão profundamente entranhadas no discurso regionalista, pois o sociólogo pernambucano foi, ao lado de José Lins, um dos seus principais articuladores. E o romancista paraibano foi um dos principais defensores do ideário regionalista de Freyre, considerando as idéias do sociólogo como formas privilegiadas de se pensar a nação brasileira e a identidade nacional (Farias, 2002, p.381). Na crônica que estamos lendo agora, José Lins do Rego diz:

“Havia nessa época o movimento modernista de São Paulo. Gilberto criticava a campanha (...) O rumor da Semana da Arte Moderna lhe parecia muito de movimento de comédia, sem importância real. (...) O Brasil precisava era de se olhar. (...) Por que arrancar raízes que estavam tão bem pregadas à terra e desprezar os nossos sentimentos e valores nativos?” (Rego, 2004, p.52)

Em contraposição a este Modernismo, José Lins defende nesta crônica a idéia de que o Regionalismo era orgânico e profundamente humano. Logo, o Regionalismo do Congresso Regionalista do Recife – organizado por Gilberto Freyre – mereceria propagar-se por todo o Brasil, pois seria *“essencialmente revelador e vitalizador do caráter brasileiro e da personalidade humana”*. No discurso Regionalista, como já salientamos, há esta vontade de espalhar-se, de homogeneizar as diferenças e construir, a partir dos próprios valores, uma imagem do Brasil “verdadeiro”. E a referência às *“raízes tão bem pregadas à terra”* é um elogio a um passado e a valores aristocráticos em crise, herdados a partir do processo de colonização européia, uma evocação da casa grande e do seu patriarcalismo.

3. EU NÃO VI O SERTANEJO DE EUCLIDES

Agora, o romancista paraibano procura desmistificar o sertanejo, cuja imagem teria sido distorcida por Euclides da Cunha, que *“tinha para tudo que via um olho de Goya”* (Rego, 2004, p.261). O sertanejo de Euclides, para José Lins, seria um homem desengonçado e torto, feio e triste. José Lins justifica o retrato feito por Euclides, afirmando que esse sertanejo que o autor de “Os Sertões” vira estava transtornado pelo fanatismo e pelo terror da guerra de Canudos. Como oposição a esta visão euclidiana, o cronista expõe a visão de um europeu, o inglês Koster, *“que varou a cavalo o Nordeste inteiro, e nos fala de homens belos, de gente formosa”* (Rego, 2004, p.262). Além disso, complementa seu argumento ao lembrar:

“Lembro-me sempre de um cangaceiro de Antonio Silvino (...) Era um que eles chamavam Godê, belo, de olhos azuis, de cabelos louros cobrindo as orelhas, alto, e falando com voz macia. (...) Homens assim são comuns nos sertões nordestinos” (Rego, 2004, p.262)

O sertanejo, na verdade, seria um solitário, um homem nobre e simples. O problema, diagnostica José Lins do Rego, está nas secas, que transformam homens de bem, de honra em uma legião de pobres-diabos, famintos, virados em bichos, que muitas

vezes se insurgiam contra os poderosos (Rego, 2004, p.262). Passado o flagelo da seca, o sertanejo voltava à vida do trabalho e da honra. Ao contrário destes sertanejos antigos, o que José Lins do Rego via atualmente eram sertanejos risonhos, que trabalham nas obras contra as secas, fortes e dispostos a tudo, pois *“fora-se o tempo das esmolas, da fome, da miséria. Sertanejo de hoje é muito criação das obras contra as secas”* (Rego, 2004, p.263).

Esta crônica nos revela uma tentativa de mascaramento das relações de dominação social – lembremos Giberto Freyre – e, de forma mais específica, este mascaramento ocorrendo por se colocar a culpa dos problemas sociais nordestinos na seca. Não seriam a exclusão social, nem a estrutura do grande latifúndio e da acumulação de capital, os “vilões” da transformação de homens de bem em bandidos, seria a seca e um sol vermelho e cruel. O espaço regional nordestino é encarado como uma vítima de acontecimentos cujas causas ou são muito vagas, o Infortúnio, ou são de origem natural, a Seca (Silveira, p.163, 1984). Por isso, o elogio às obras contra a seca, pois o discurso político Regionalista sempre usou-a como forma de conseguir recursos à região Nordeste (Albuquerque, 2001, p. 58).

Interessante observarmos a imagem aristocrática e européia construída pelo autor para valorizar o sertanejo: pele branca, voz macia, olhos azuis – beleza. Percebemos, portanto, que um certo olhar aristocrático e uma busca da justificativa da grandeza do Nordeste mediante valores aristocráticos reiteram-se no discurso de José Lins do Rego, certamente influenciado pelos valores aristocratizantes do regionalismo, conforme já salientamos anteriormente. No final da crônica, ele conclui: aqueles sertanejos fortes e trabalhadores eram os mesmos que anos antes *“invadiam a Várzea como pragá”* (Rego, 2004, p.262), transformados graças às obras contra a seca.

4. FOI UMA VITÓRIA DA MARINHA

Quando o pintor Pancetti, sargento naval, ganhou o grande prêmio do salão de belas-arts, o seu superior na marinha afirmou: *“Isto foi uma vitória da Marinha”* (Rego, 2004, p.330). Este evento, citado por José Lins do Rego em sua crônica, leva-o a concluir:

“Este pequeno incidente da vida brasileira ilustra muito bem um progresso social, é um sinal muito vivo da democratização de nosso espírito, numa sociedade que vai se ajustando sem atritos, sem precisar recorrer a ideologias em convulsão para chegar a fins justos” (Rego, 2004, p.330)

José Lins considera extraordinário que um membro das hierarquias inferiores da Marinha não só consiga ganhar um prêmio de artes plásticas, como ser elogiado pelo seu superior. Isto atestaria uma pretensa mudança na sociedade brasileira, mudança feita aos poucos, sem o intermédio de nenhuma ideologia radical, mudança sem grandes agonias sociais, sem sangue, sem radicalismo. Esta premiação possuiria o mérito de revitalizar a imagem das Forças Armadas. O cumprimento dado a Pancetti indicaria que a Marinha não possuía o ranço aristocrático que seus detratores acusavam.

Mais uma vez, percebemos uma tendência homogeneizante e amenizadora. O elogio a uma afirmação como *“Isto foi uma vitória da Marinha”*, revela o aval do cronista à tentativa do oficial superior de diluir a individualidade e o mérito de criação de Pancetti, vinculando-os à instituição “Forças Armadas”.

Mais adiante, Zé Lins fará uma referência à Revolta da Armada:

“(...) foi-se criando (...) um certo espírito que daria na revolução da Armada contra Floriano. O Brasil era republicano, de nascimento. E eles se rebelaram contra este destino. (...) Estes isolacionistas foram vencidos pela força do Brasil.” (Rego, 2004, p.331)

Será que a república e a democracia são realmente tendências naturais do povo brasileiro? Acreditamos que não. Já na década de trinta, Sérgio Buarque de Holanda, no seu *Raízes do Brasil*, afirmava que a democracia e os valores republicanos foram importados da Europa por uma aristocracia rural, que amoldou estes mesmos valores aos seus interesses. Tais valores não emanavam de uma predisposição espiritual e emotiva particular, de uma concepção da vida bem definida e autêntica do povo brasileiro (Buarque, 2003, p. 160). A ligação do cronista com esta oligarquia rural, a sua admiração pelas Forças Armadas, como mantenedora da ordem, da tradição, do progresso, e o comprometimento com a busca de um caráter genuíno brasileiro explicam o posicionamento do autor nesta crônica.

No fim da crônica, o escritor paraibano diz:

“Nós somos uma grande democracia racial. Nunca entre nós pegaram privilégios. Viver no Brasil é viver democraticamente. (...) E pode dizer ao mundo que no Brasil o primeiro prêmio de um salão oficial de pintura é concedido a um inferior de seus quadros” (Rego, 2004, p.332)

O autor, nesta passagem, volta a sustentar o discurso do mito da democracia racial, da igualdade e fraternidade entre os brasileiros. José Lins do Rego transforma a premiação de Pancetti em um evento épico, grandioso, justificador de uma série de equívocos ideológicos. Premiar o pintor-sargento seria um exemplo ao mundo, como se em países como a França, pintores oriundos da classe popular e de baixos escalões burocráticos, Henri Rousseau, por exemplo, não tivessem obtido reconhecimento já no final do século XIX.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com D’Andrea, “o Regionalismo Nordestino a partir de 20 perfaz a história em sentido contrário, proclamando uma tradição incrustada no tempo, elevada a mito e à liturgia pela compensação simbólica de valores culturais tornados edificantes sob o aval da colonização” (D’Andrea, 1992, p.46). Aristocratização e europeização, mascaramento das relações de dominação, construção e evocação de uma tradição, crise de poder de um grupo social transformada em crise nacional, busca e definição das características genuinamente brasileiras, nostalgia do passado, homogenização das diferenças, patriarcalismo. Estes foram alguns dos valores que identificamos nas crônicas analisadas, valores que também se encontram presentes no discurso Regionalista de uma forma geral, principalmente na sua vertente mais conservadora, representada por José Lins do Rego e Gilberto Freyre.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBUQUERQUE, Jr., Durval Muniz de. *A Invenção do Nordeste e Outras Artes*. 2ª. Edição. São Paulo: Cortez Editora, 2001.
- CANDIDO, Antonio. *Literatura e Subdesenvolvimento*. In: *A Educação pela Noite*. 3ª. Edição. São Paulo: Ática, 2000.

- D'ANDREA, Moema Selma. *A Tradição Re(des)coberta*. Campinas: Editora da Unicamp, 1992.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. 26ª. Edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- IVO, Ledo. *O Ensaísta José Lins do Rego*. In: COUTINHO, Eduardo F.; CASTRO, Ângela Bezerra de. (orgs.). *José Lins do Rego*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.
- MOTA, Carlos Guilherme. *Ideologia da Cultura Brasileira*. 8ª. Edição. São Paulo: Ática, 1998.
- REGO, José Lins do. *O Cravo de Mozart é Eterno*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2004.
- SILVEIRA, Rosa Maria Godoy. *O Regionalismo Nordestino*. São Paulo: Moderna, 1984.